



NOTICIAS INTERNACIONALES AL 24/05/18

BRASIL	2
Cepea: se mantiene la presión sobre los precios.....	2
Huelga de camioneros: incide en toda la cadena.....	2
Abiec y APBA estimaron 60 millones de pérdidas en exportación por los bloqueos	3
RUSIA: levantaría el embargo impuesto en diciembre de 2017	3
Existencias en feed lots registran un pequeño incremento	4
Condiciones actuales llevan a prever escasez de teneros hacia 2020.....	4
MAPA abre consulta pública para normas de sacrificio humanitario	5
Brasil será reconocido como país libre de aftosa con vacunación.....	5
Brasil tiene reparos para la firma del Acuerdo UE MERCOSUR	5
14% de los brasileños se declaran vegetarianos	6
URUGUAY	7
Novillo siguió subiendo y llegó a US\$ 3,47	7
Tasa de preñez puede mermar hasta un 10% del promedio histórico.....	7
Anticipan resultados negativos de empresas ganaderas	7
Aftosa: la OIE ratificará estatus de Uruguay	8
PARAGUAY	8
Tras ingreso ilegal de carne, hay bajas de precio del ganado en pie	8
Carne sin permiso, “normal” para Senacsa	9
Más camiones de carne detenidos en Pedro Juan.....	9
En medio de más contrabando de carne, caen los titulares de Aduanas y el MAG.....	9
Revelan que son 11 mil Ton. de carne las que ingresaron sin autorización	10
Fiscalía amplía la imputación.....	11
Cámara de Carne, a favor de “barridas” en Gobierno	11
Firma asegura que su carga de carne no es contrabando	12
Frigorífico Concepción deja de ser asociado de la Cámara Paraguaya de las Carnes	12
Molestaba producto más barato, alega frigorífico.....	13
MIC investiga a cuatro frigoríficos.....	13
Rusia solo retuvo la carga, dicen	14
Para mercados fue un hecho aislado, afirman	14
UNIÓN EUROPEA	14
UE Inicia negociaciones con AUSTRALIA y NUEVA ZELANDA	14
Comisionado de Agricultura promovió la carne bovina en CHINA.....	15
ESTADOS UNIDOS	15
Mejoran los márgenes de la industria frigorífico por baja de precio de la hacienda	15
Cotizaciones de los trimmings se mantienen estables.....	16
Menos ingresos de animales a feed lots en abril	16
Crece la importancia de la vaquillona en la producción de carne	17
EE.UU. renuncia a imponer aranceles a China y suspende la guerra comercial	17
AUSTRALIA exportaciones hacia CHINA no corren peligro	19
EMPRESARIAS	20
Casti Beef: carne uruguaya de élite a domicilio de los consumidores chinos.....	20
Marfrig avanza en el proceso de venta de su subsidiaria Keystone	20



BRASIL

Cepea: se mantiene la presión sobre los precios

24/05/18 - por Equipe BeefPoint Os valores do boi gordo oscilaram no correr dos últimos dias, de acordo com levantamentos do Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea) da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (ESALQ/USP). No geral, no entanto, prevaleceu a pressão sobre as cotações, especialmente devido às escalas mais alongadas.

Entre 16 e 23 de maio, o Indicador ESALQ/BM&FBovespa do boi gordo ficou estável (-0,1%), fechando a R\$ 139,15 nessa quarta-feira, 22. Quanto aos preços de bezerro, no mesmo período de comparação, o Indicador ESALQ/BM&FBovespa (animal nelore, de 8 a 12 meses, Mato Grosso do Sul) subiu 0,73%, fechando a R\$ 1.174,28 nessa quarta.

Huelga de camioneros: incide en toda la cadena

24/05/18 - por Equipe BeefPoint

O Frigorífico Verdi está com o curral vazio e também não sai com a carne processada desde ontem, o Três Marias não tem problema com boi, mas tem que pular abate para não esgotar capacidade de estoque, e o Nutritaurus não só tem animais retidos em caminhões como já está controlando a ração no confinamento e na fábrica.

O retrato da crise dos combustíveis no Brasil, que ganhou corpo nas estradas nesta quarta (23), muda a todo instante. E por enquanto para pior, no Brasil todo, com seus efeitos se multiplicando, apesar de contar com simpatia de muitos produtores rurais.

Frigoríficos

A unidade do Frigorífico Verdi, em Pouso Redondo, Santa Catarina, conseguiu abater ontem, mas até os caminhões vazios tiveram dificuldade de voltar para suas origens. Ariel Verdi, presidente da empresa especializada na comercialização de carne certificada de charolês e angus, nem fez força para buscar bois nesta quarta, ou seja, a fábrica parou com os 300 abates diários, “porque os caminhões com carne também não saem”. Também atuando na exportação, Verdi lembrou que Itajaí parou com os caminhões bloqueando as entradas de acesso ao porto, e tem contêiner da empresa – localizada na região centro-leste do estado – aguardando embarque.

Na planta paraense de Três Marias, a situação de acordo com empresário Roberto Paulinelli é mais sentida na comercialização. O Frigorífico Três Marias, que mata 550 animais/dia, vende mais para Nordeste, São Paulo e Rio, de modo que o retrato é mais complicado que até o no caso do Verdi, de Santa Catarina, que percorre distâncias menores.. A carne de Paulinelli tem que percorrer longas distâncias, ainda mais no complicado Sudeste, onde a paralisação de rodovias é maior. E seus caminhões rodam ainda longos trechos em estradas ruins e com poucos pontos urbanos de apoio.

“Eu vou parar o abate na sexta, mas outros frigoríficos com quem conversei já estão parando hoje”, disse Paulinelli, para quem a capacidade das câmaras frias de cada unidade é que dita as condições. Mas não deve passar dos próximos dias o lockout no Pará.

Em José Bonifácio, no Noroeste de São Paulo, há notícias de que a unidade do Minerva parou totalmente.

Confinadores

A capacidade estática de 12 mil animais de Paulo Queiroz, em Frutal (MG), já vem passando da metade, e ele, em entrevista ao Notícias Agrícolas, há algumas semanas, estava com boas expectativas de vendas com o avanço da entressafra. E Queiroz, que também é proprietário da Nutritaurus, via no seu planejamento de matéria-prima a chave para dar custos mais amigáveis caso a arroba não avançasse.

Mas agora está preocupado com a falta de alimentos, já que tanto para o confinamento quanto para a fábrica de ração, que precisa atender o mercado também, portanto com alto giro, ainda a empresa tem tido que comprar. “Mais cinco dias fico complicado”, adiantou Queiroz, reforçando, porém, seu apoio ao movimento dos caminhoneiros.

A empresa também tem várias cargas de bois presas em número que ainda estava sendo contabilizada. Não passa gaiola de Uberlândia, de Rio Verde (GO) e de Rondonópolis (MT). E também não sai animais do confinamento.

A situação do confinamento da Coplacana, em Piracicaba (SP), é menos complicada, mas ontem 400 animais que ficaram na estrada voltaram para a fazenda do proprietário, afirmou Evandro Nasato. Com milho e soja estocados na misturadora da cooperativa – e desse modo com alimento garantido – a programação de recebimentos dos animais pode ficar mais complicada.

Até sexta da outra semana havia agenda para fechar os 2 mil animais da capacidade estática e com a complicação das rodovias pode atrasar. A diferença mais atenuante da Coplacana é que a maioria dos bois vem das pequenas propriedades próximas a Piracicaba. As mais longes ficam no Vale do Ribeira, onde é preciso cortar grandes e importantes rodovias – justamente da onde o lote que voltou ontem era.

Pecuaristas



No momento em que muitos pecuaristas conseguem uma boa negociação, driblando a pressão deste início ofertado de entressafra, a greve dos caminhoneiros limitam as entregas. E têm que torcer para as indústrias compradoras não estarem com escalas incompletas e saírem repondo com outros fornecedores.

Para Marco Garcia, que está vendo os frigoríficos da região de Três Lagoas (MS) parados, menos mal. O ex-presidente do Sindicato Rural da cidade e membro da Comissão de Pecuária de Corte da Famasul está com dois lotes em suspenso, de 120 animais.

No Noroeste do Paraná, não é diferente para Lineu Gonçalves. O criador, recriador e invernista de Paranaíba deveria embarcar 432 animais que sairiam de seu confinamento nesta quarta. Nem subiram nos caminhões.

Gonçalves vê também as médias e pequenas unidades abatedouras da região paradas.

Voltando ao Mato Grosso do Sul, mais propriamente para Santa Rita do Pardo, a região ali não estava afetada, mas poderia ficar a partir desta tarde. Florindo Cavalli, presidente do Sindicato Rural, estava convocando um movimento para a rodovia 040, saída para Campo Grande, por criticar os aumentos e política da Petrobras.

A região, mais a sudeste de Três Lagoas, e também com rebanho considerável e frigoríficos próximos, como o JBS, pode vir a inchar o movimento.

Mato Grosso

No maior estado produtor, com mais de 30 milhões de cabeças, a situação estava tranqüila, pelo monitoramento da Associação dos Criadores do Mato Grosso (Acrimat).

A entidade garantiu que estão deixando passar cargas vivas e perecíveis, ao passo que com relação aos insumos, ainda não é um problema porque os pastos ainda estão dando suporte e o confinamento é reduzido.

Abiec y APBA estimaron 60 millones de pérdidas en exportación por los bloqueos

24/05/18 - por Equipe BeefPoint

A Associação Brasileira das Indústrias Exportadoras de Carne (Abiec) e a Associação Brasileira de Proteína Animal (ABPA) estimaram que com a paralisação dos caminhoneiros 25 mil toneladas de carne de frango e de suínos deixaram de ser exportadas, o equivalente a US\$ 60 milhões em receita.

“Com os bloqueios nas rodovias, que impedem o acesso dos insumos necessários à produção e impossibilitam o escoamento de alimentos, deixaram de ser exportadas 25 mil toneladas de carne de frango e suínos, o equivalente a uma receita de US\$ 60 milhões que deixa de ser gerada para o País.

No caso da carne bovina, são cerca de 1.200 contêineres que deixam de ser embarcados por dia”, disseram as duas entidades em comunicado conjunto.

Conforme a nota, 129 unidades produtivas de empresas associadas de carnes bovina, suína e de aves estão paralisadas. Até a sexta-feira (25), acrescentam, mais de 90% da produção de proteína animal deve estar interrompida caso os caminhoneiros não voltem a trabalhar.

De acordo com as duas entidades, que representam mais de 170 empresas e cooperativas da cadeia produtiva e exportadora de proteína animal em atividade no Brasil, 208 fábricas de diversos portes estão paradas.

Ainda conforme o comunicado, 85 mil funcionários das indústrias e cooperativas de proteína animal tiveram suas atividades suspensas. O setor de proteína animal emprega mais de 7 milhões de pessoas e é responsável pela produção de mais de 25 milhões de toneladas de alimento/ano. “Os estabelecimentos menores e de cidades pequenas ou regiões metropolitanas – que mantêm um ciclo de entrega de produtos a cada dois dias – já estão com o abastecimento comprometido. Essa dificuldade pode atingir os grandes centros nos próximos dias.”

A Abiec e a ABPA dizem que a paralisação é um direito da categoria, mas as consequências “já ganharam contornos graves” e o setor produtivo entende ser necessário “que sejam tomadas as devidas medidas por parte dos governantes para que a situação seja sanada o quanto antes”.

RUSIA: levantaría el embargo impuesto en diciembre de 2017

22/05/18 - por Equipe BeefPoint Após praticamente um semestre, o embargo da Rússia às carnes bovina e suína brasileiras pode ser levantado neste mês. A sinalização positiva de Moscou foi repassada pelo Ministério da Agricultura do Brasil aos exportadores.

Segundo o vice-presidente de mercados da Associação Brasileira de Proteína Animal (ABPA), Ricardo Santin, as dúvidas técnicas que restavam foram dirimidas na última reunião entre representantes do serviço sanitário russo (Rosselkhoznadzor) e do Ministério da Agricultura. Realizado em Bruxelas no dia 24 de abril, o encontro teve a participação do diretor do Departamento de Inspeção de Produtos de Origem Animal (Dipoa) do ministério, José Luis Vargas. “Entregamos tudo e estamos esperando a reabertura. Não estamos devendo nada”, confirmou Vargas.



Sem problemas técnicos, a última pendência seria de ordem política. Entre os exportadores, aguardava-se com ansiedade a posse de Vladimir Putin para seu novo mandato (o que ocorreu em 7 de maio) e a definição do novo ministro da Agricultura da Rússia. Na sexta-feira, Dmitry Patrushev assumiu o ministério. Com isso, os exportadores de carnes do Brasil se animaram com as chances de que reabertura russa seja anunciada em breve.

A retomada das vendas à Rússia é particularmente importante para a indústria de carne suína.

No caso da carne bovina brasileira, a Rússia também é relevante, mas a dependência é menor. O mercado russo representava cerca de 10% das exportações dos frigoríficos brasileiros até o embargo. Além disso, como a demanda da Ásia – sobretudo da China – vem se mostrando aquecida, as exportações registraram forte alta mesmo sem a Rússia. No primeiro quadrimestre, o Brasil exportou 504,4 mil toneladas de carne bovina, incremento de 21% na comparação anual. Em receita, o aumento chegou a 20%, para US\$ 1,943 bilhão.

Uma das três maiores exportadoras de carne bovina do Brasil, a Minerva Foods também trabalha com a expectativa de que Moscou anuncie a reabertura do mercado russo “muito em breve. No entanto, a empresa admitiu que a decisão russa não será totalmente positiva.

Em teleconferência com analistas na semana passada, o presidente da Minerva, Fernando Galletti de Queiroz, afirmou que a Rússia deve promover uma reabertura “limitada”. Na prática, o número de frigoríficos autorizados a vender aos russos será menor do que o observado até novembro. Nesse cenário, as restrições à carne suína podem ser maiores do que para a carne bovina do Brasil, segundo uma fonte. A questão é que a Rússia busca há anos se tornar autossuficiente na produção de carne suína.

Existencias en feed lots registran un pequeño incremento

22/05/18 - por Equipe BeefPoint -Cautela e planejamento marcam o desempenho da pecuária este ano. O primeiro levantamento do Instituto Mato-Grossense de Economia Agropecuária (Imea) sobre a intenção de confinamento em 2018 indica pequena alta de 1,95% com relação ao número de animais confinados em 2017. De acordo com estudo solicitado pela Associação dos Criadores de Mato Grosso (Acrimat), os produtores pretendem confinar 707.680 este ano.

A pesquisa, realizada no último mês de abril, registrou um volume 0,83% maior que o levantamento realizado em abril de 2017, quando foi apurada a intenção de confinar 701.850 animais. Este valor, porém, não se concretizou e o ano fechou com total de 694.145 animais confinados.

Para o diretor-executivo da Acrimat, Luciano Vacari, os pecuaristas estão calculando os custos e a analisando o comportamento do preço da arroba na hora de tomar a decisão. “O confinamento é atividade que mais exige planejamento para que seja rentável dentro da pecuária. Com alta dos insumos e instabilidade no preço da arroba, os produtores não devem investir na ampliação do plantel confinado”, afirma Vacari.

O planejamento inclui o cálculo de custo, do preço no mercado futuro e a aquisição dos insumos antecipadamente. Este ano, 67,9% dos animais que serão confinados já foram comprados pelos produtores, o representa mais de 480 mil cabeças. Outro insumo importante é o chamado proteinados utilizado na alimentação. O milho e o farelo de soja estão mais caros, enquanto a torta de algodão está 52% mais barata. Outra alternativa este ano será o DDG (derivado no milho processado na fabricação de etanol). Assim, quem já comprou a ração no período da safra passada economizou.

Mas o fator que mais tem pesado na tomada de decisão é o preço da arroba do boi. De janeiro para cá houve uma desvalorização de 1,4% e se comparar com a cotação do mercado futuro a queda é de 3%. Em abril de 2017, a arroba do boi para outubro era cotada em R\$ 153. Este ano, a arroba do boi para outubro está em R\$ 148,75 no mercado futuro (B3) e descontando o diferencial de base, o preço é de R\$ 131,5 em Mato Grosso.

Esta baixa no preço da arroba desestimulou o produtor a antecipar as vendas. De acordo com o levantamento, somente 3,6% dos bovinos a serem confinados já foram comercializados, o menor índice da história. Ano passado, 8% dos animais confinados foram vendidos antecipadamente e em 2016 a participação foi de 42%, variando entre mercado futuro e boi a termo, quando a negociação é feita diretamente com a indústria.

“Considerando a queda no preço da arroba, aumento de custo do insumo, temos no mercado de confinamento aqueles que se planejaram e anteciparam as compras. Em julho teremos uma melhor perspectiva de como será a atividade este ano”, afirma Vacari.

Condiciones actuales llevan a prever escasez de teneros hacia 2020

22/05/18 - por Equipe BeefPoint Em um ano cercado de incertezas, a pecuária passa por um cenário morno nos cinco primeiros meses de 2018. Enquanto a arroba tem sofrido baixas em diversas regiões do país, o preço do bezerro tem reagido.



No entanto, o cenário de alta na categoria é um movimento sazonal e deve permanecer até meados de junho, de acordo com a analista Lygia Pimentel, da Agrifatto. “O bezerro costuma ter um aumento de preço no início do ano, quando a capacidade de suporte das pastagens ainda está alta. Mas, com a entrada da seca, os pecuaristas costumam se desfazer desses animais e com isso a oferta cresce e as cotações recuam”.

A entrada da seca também deve provocar o crescimento da participação de fêmeas no abate, o que causará uma escassez na oferta de animais jovens nos próximos dois anos, característica do ciclo de alta na pecuária. “Teremos um novo apagão de bezerros em 2020. E a oferta será ainda mais restrita dessa vez”, destaca a analista.

Lygia acredita que a intensificação do sistema produtivo e os constantes investimentos em tecnologia contribuirão para que a escassez de bezerros no mercado seja maior do que no último “apagão”, em 2015/16. “A redução da idade de abate faz com que o giro seja mais rápido, agilizando também a necessidade de compra de reposição. A relação de troca boi gordo/bezerro tende a piorar ainda mais com o passar dos anos”.

Em relação às expectativas para 2018, Lygia acredita que o aumento da oferta em decorrência da entrada da seca deverá pressionar as cotações nos próximos meses e a arroba só deve se recuperar em meados do segundo semestre, podendo chegar a R\$ 150 em outubro.

MAPA abre consulta pública para normas de sacrifício humanitário

22/05/18 - por Equipe BeefPoint

O Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA) editou a portaria 62, publicada nesta sexta-feira (18), no Diário Oficial da União, que abre prazo de 30 dias para consulta pública do regulamento de manejo pré-abate e abate humanitário.

O objetivo das normas é evitar dor e sofrimento desnecessários aos animais em todos os estabelecimentos inspecionados oficialmente, que realizam abates e aproveitamento dos animais para fins comerciais. É proibido espancar os animais, agredi-los, erguê-los pelas patas, chifres, pelos, orelhas ou cauda, ou qualquer outro procedimento que os submeta a dor, medo ou sofrimento desnecessários. As informações são do Departamento de Inspeção de Produtos de Origem Animal (DIPOA) do MAPA.

As principais propostas de normatização determinam que haverá controle das cargas de animais destinados ao abate desde o embarque na propriedade, passando pelo transporte até o desembarque no frigorífico. Esses controles serão baseados na inspeção dos caminhões – incluindo tacógrafos para fiscalização da velocidade – e exames nos animais para verificação de possíveis lesões antes do abate. Anteriormente, o controle era feito apenas na chegada ao abatedouro. A nova regra deverá reduzir o tempo de jejum dos animais, que varia conforme a espécie (bovino, suíno ou ave).

Outra novidade será a obrigatoriedade de os frigoríficos manterem um responsável pelo cumprimento das normas de bem-estar animal (BEA), que prestará orientações no pré-abate (operações de embarque na propriedade de origem até a contenção para insensibilização) e no abate dos animais. Este responsável deverá orientar os motoristas dos veículos utilizados para transportar animais.

Brasil será reconhecido como país livre de aftosa con vacunación

21/05/18 - por Equipe BeefPoint Em Paris, nesta quinta-feira (24), a Organização Mundial de Saúde Animal (OIE) declara oficialmente o Brasil como País Livre da Febre aftosa com vacinação, reconhecendo 50 anos de trabalho bem-sucedido do serviço veterinário e dos produtores rurais brasileiros.

A diretora-geral Monique Eloit entregará o certificado sanitário ao ministro da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, Blairo Maggi, a partir das 14h30 (horário local), na sede da OIE, durante a 7ª Sessão Plenária da Organização.

A Comissão Científica da OIE aprovou a certificação do Brasil em 2017. Os 181 países integrantes da OIE oficializam a decisão nesta 7ª Sessão Plenária.

Brasil tiene reparos para la firma del Acuerdo UE MERCOSUR

23/05/18 - por Equipe BeefPoint O ministro da Agricultura, Blairo Maggi, afirmou nesta terça-feira, 22, em entrevista à imprensa francesa, que agricultores e pecuaristas brasileiros têm dificuldades em aceitar as negociações para um acordo comercial União Europeia e Mercosul, por conta de subsídios dados a produtores europeus e da existência de barreiras comerciais à exportação brasileira.

Em Paris, onde receberá pelo Brasil o certificado da Organização Mundial de Saúde Animal (OIE) de área livre de febre aftosa com vacinação, Maggi defendeu que as negociações continuem. Ele admitiu que uma decisão, política, está perto e o acordo UE-Mercosul próximo de ser fechado.

“Nós temos dificuldade em aceitar essas negociações, (...) em aceitar o mercado aberto, em função (de) que vocês, na Europa, trabalham com muitos subsídios e nós não trabalhamos com subsídios na agricultura brasileira. Então, precisamos estar atentos a essa abertura para que não venha atrapalhar o



crescimento de agroindústrias no Brasil e, pelo andamento nas negociações, está muito próximo de fazermos esse acordo comercial”, disse Maggi.

O ministro criticou a proposta de adoção de cotas para a importação europeia de carne bovina negociada com o Mercosul. Ele afirmou que “a Europa não quer muito a carne brasileira” porque é autossuficiente no produto. Disse que as cotas ofertadas ao Mercosul “nada mais são que a recomposição dos números que tínhamos há dez anos”. E acrescentou: “Por parte da agricultura vamos aceitar o acordo, mas não temos o entusiasmo que muitos dizem que teríamos.”

14% de los brasileños se declaran vegetarianos

21/05/18 - por Equipe BeefPoint Hippie pós-moderno? Comedor de alface? O perfil do vegetariano ultrapassou os estereótipos das últimas décadas e hoje atrai adeptos da alimentação natural até quem não dispensa junk food. Inédita, nova pesquisa Ibope Inteligência aponta que 14% dos brasileiros com mais de 16 anos – cerca de 22 milhões de pessoas – concordam parcial (6%) ou totalmente (8%) com a afirmação “sou vegetariano”.

Na mesma tendência, estudo da Kantar Ibope Media aponta que, de 2012 até o ano passado, cresceu de 8% para 12% o total de adultos (de 18 a 75 anos) que se declaram vegetarianos nas Regiões Sul e Sudeste do País e nas áreas metropolitanas de Salvador, Recife, Fortaleza e Brasília. “Deixou de ser uma escolha restrita a um grupo. Hoje toda família tem um vegetariano, um vegano”, diz Cynthia Schuck, coordenadora da Sociedade Vegetariana Brasileira (SVB).

Para ela, mesmo que nem todos sigam o vegetarianismo de forma estrita (mais informações nesta página), se reconhecer como tal é positivo. “São pessoas que se identificam e estão no caminho. E, para o mercado, já é um público que conta.”

A designer Domitila Carolino, de 38 anos, é um exemplo de adepta recente desse estilo de alimentação. A mudança começou há seis anos, por recomendação médica, quando seus exames apontaram excesso de ferro. Alguns meses depois, porém, ela voltou a comer carne, que era muito consumida pelo marido. “Respeito quem come. Cada um no seu tempo”, diz. Em 2015, ela retomou o vegetarianismo. “Não queria mais colocar dentro de mim agressão, de morte, de sofrimento.”

Para a professora de História Thaís Carneiro, de 27 anos, a mudança chegou anos depois de o pai aderir ao vegetarianismo. “Eu era muito firme que não queria deixar (de comer carne)”, lembra. A virada veio aos 14 anos, durante uma viagem, quando visitou pessoas que criavam animais. Na ocasião, chegou a sair de um recinto para não presenciar o abate de uma galinha, que depois encontrou morta na cozinha. “Passei a associar mais os animais ao que comia, por mais que já soubesse.”

Na mesma época, ela leu um livro espírita que considerava o consumo de carne um vício. “Essas questões foram mexendo comigo”, conta. A mudança foi difícil, especialmente na escola. “Elogiavam, mas depois diziam que não conseguiam e começavam a falar de carne, a descrever, isso me deixava triste. Chorava, achava as pessoas insensíveis.”

Quando foi vegana, enfrentou dificuldade para manter a dieta, especialmente fora do País, o que relata no projeto Mulheres Viajantes. “Aqui, a gente teve um crescimento considerável no mercado”, compara.

Motivação

Professora do Departamento de Sociologia e Política da Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT), Juliana Abonizio aponta que a religião foi o motivo predominante décadas atrás, enquanto hoje cresce a motivação ambiental, por saúde ou por não concordar com a exploração animal. “Tem gente que começa pela saúde e depois vira militante.”

O movimento ganhou força na internet, especialmente nas redes sociais. A estudante de Letras Leonora Vitória, de 18 anos, aderiu ao ovo-lacto-vegetarianismo após assistir filmes que envolvem o tema, como a ficção Okja, da Netflix. “No princípio eu não sabia o que consumir e como fazer. Procurei grupos no Facebook, receitas na internet e fui me virando”, conta.

O vegetarianismo “saiu do obscurantismo”, resume a professora de Psicologia da Universidade Brasil, Pâmela Pitágoras, que estudou o tema no doutorado. “Quando uma coisa começa a crescer, a ser divulgada, atrai mais pessoas”, explica.

Estudante de Pedagogia, Mariana Pasquini, de 18 anos, deixou de comer carne vermelha em janeiro, depois de porco e, neste mês, foi a vez do frango. “Quero parar com o peixe. Os derivados ainda não sei, vou ter um pouco de dificuldade.”

Vice-presidente da Associação Alagoana de Nutrição, Viviane Ferreira aponta que a procura de um nutricionista especializado e a realização de um check-up são importantes na transição. “É preciso aprender a comer mais vegetais, o que as pessoas no geral não comem, mas é um mito achar que vegetariano é anêmico”, aponta.

A pesquisa Ibope ouviu 2 mil pessoas em 142 municípios de todas as regiões do País e classes sociais. A margem de erro é de 2 pontos percentuais.

Dicionário

– Vegetariano



Não consome alimento com ingrediente de origem animal, tais como carnes, ovo, leite e mel.

– Ovolactovegetariano

Não consome carnes. Ovos e laticínios, in natura ou na receita de pratos, integram dieta.

– Vegano

Mantém dieta vegetariana e exclui o uso de produtos com componentes de origem animal, como couro e seda, e de serviços advindos do trabalho de bichos. (Fonte: SVB)

URUGUAY

Novillo siguió subiendo y llegó a US\$ 3,47

Mayo 22, 2018 Continúa bajando la oferta de vacunos especiales

El precio del ganado gordo para faena que aumentó nuevamente en la pasada semana en alrededor de US\$ 0,05 por kilo en cuarta balanza, sigue operando con valores que se sitúan unos US\$ 0,40 por kilo arriba de las cotizaciones del año pasado en materia de negocios en cuarta balanza. A su vez en las ventas de animales en pie, un novillo obtiene US\$ 100 más que el año pasado, destacó a El Observador el consignatario Fernando Indarte.

Explicó que el mercado de ganado gordo que se vende para faena continua operando con mucha firmeza, con mucha demanda y que sigue ajustando los precios al alza

Entendió que los negocios que se realizan son ágiles y que no abundan los ganados especiales.

Según la planilla de la Asociación de Consignatarios de Ganado, los novillos especiales de exportación subieron US\$ 0,04 y se cotizaron a US\$ 3,47 el kilo en cuarta balanza. A su vez los novillos especiales para el mercado interno subieron US\$ 0,05 y lograron un precio de US\$ 3,45 el kilo.

Las vacas especiales se vendieron en promedio a US\$ 3,23 y las vaquillonas a US\$ 3,32, también con subas en ambas categorías.

El mercado opera con poca oferta, con firmeza y tendencia a estabilizarse, señala el comentario de la gremial de consignatarios.

Tasa de preñez puede mermar hasta un 10% del promedio histórico

21/05/2018 Porcentaje será mejor a lo estimado este año en los meses de sequía. Pese a que falta para terminar las ecografías vacunas, los diagnósticos de preñeces están siendo una “sorpresa” frente a las expectativas que se tenían meses atrás cuando la seca impactó negativamente en los campos y en el estado de los animales, dijo a Rurales El País Santiago Bordaberry, médico veterinario de Durazno.

Explicó que el complejo de la cría es “muy variado”, con productores que utilizan diferentes tecnologías y se ubican en distintas zonas del país, algunas donde la seca golpeó más duro y en otras no tanto. Bordaberry entiende que el promedio nacional del porcentaje de preñez derivará de una “combinación de resultados muy diversificados”.

En lo previo y teniendo en cuenta el déficit hídrico experimentado en el país, se estimaba una merma del 15% del promedio, lo que iba a dar un diagnóstico cercano al 60%, dijo Bordaberry, quien aseguró que actualmente “se estará bien por encima de ese guarismo”.

El año pasado, en el taller de evaluación de los diagnósticos de gestación vacuna realizada en Treinta y Tres, el Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria (Inia) estimó la tasa de preñez en un 77,8%, tras un análisis realizado en un rodeo cercano a las 408.000 vacas. Bordaberry estimó que la caída en este año podría ser de un 5 a 10% de la media histórica del país, que según especialistas se ubica cerca del 75%.

El médico veterinario de Durazno señaló que esta mejoría versus lo previsto en los primeros meses del año, se debe a que los productores “se vieron forzados a tomar medidas, a pesar de que es un año donde el productor no está en condiciones de gastar, que significaron un resultado superior a lo previsto”. “El resultado fue bueno”, agregó Bordaberry.

Anticipan resultados negativos de empresas ganaderas

Mayo 23, 2018 Estudio advierte sobre baja de la productividad y menores ingresos

El ejercicio ganadero 2017/2018 bajo análisis de las denominadas y tradicionales Carpetas Verdes del Instituto Plan Agropecuario (IPA) arrojará menores ingresos, como resultado del año climáticamente difícil ocurrido, lo que causará un mayor impacto por los problemas financieros que enfrentan muchas empresas ganaderas, según la opinión del director General del IPA, Carlos Molina.

Una primavera bastante seca que se acentuó en el verano con una variedad de situaciones en todo el territorio, que generó problemas en materia de disponibilidad de agua para el consumo animal y también en el crecimiento de pasturas, son factores que marcarán fuertemente y de forma negativa al cierre del programa Carpetas Verdes de este período que cierra el 30 de junio, destacó Molina a Tardáguila Agromercados.



Consideró también el estancamiento del dólar, salvo los últimos días, que sumado a una moderada inflación impactará en los mayores costos, principalmente en pesos.

En este marco, consideró que es posible esperar una reducción en los ingresos en términos generales, pese a que los precios del ganado acompañaron a valores normales en todo el ejercicio, incluso mejores en este otoño.

Para graficar esta situación el ejercicio dejará "menos productividad, más costos de producción y precios similares, lo que genera menos ingresos y además no hay que olvidar que hay empresas con problemas financieros, lo que se había visto en ejercicios anteriores, con reducciones en los saldos de caja", explicó Molina.

Aftosa: la OIE ratificará estatus de Uruguay

22/05/2018 - Será esta semana en la 86a. Sesión General que se hace en París.

La Organización Mundial de Sanidad Animal (OIE), el organismo que establece las normas sanitarias que rigen el comercio de animales y subproductos, refrendará esta semana en París el estatus de país libre de fiebre aftosa con vacunación que tiene Uruguay.

El galardón será otorgado en el marco de la 86a. Sesión General de los 181 países que conforman la OIE —Uruguay es miembro desde hace varias décadas—, donde los delegados.

La OIE trabaja a diario para y junto a sus países miembros con el objetivo de apoyar la implementación de sistemas de sanidad animal eficaces, orientados a proteger la sanidad, la salud humana y el bienestar socioeconómico de las poblaciones. Con el fin de presentar los progresos realizados y los futuros desafíos sanitarios en el mundo, la Organización reúne a sus 181 países durante seis días de intercambios y debate, en el marco de la Sesión General anual de su Asamblea Mundial.

Los trabajos de la Sesión General se desarrollarán durante los próximos cinco días, hasta el viernes 25 de mayo y se validarán a través de la adopción de las resoluciones debatidas en sesión plenaria por la Asamblea de delegados. Entre los temas técnicos, se encuentran los últimos avances en materia de estrategias mundiales en la lucha contra la resistencia a los agentes antimicrobianos.

PARAGUAY

Tras ingreso ilegal de carne, hay bajas de precio del ganado en pie

21 DE MAYO DE 2018 ante consecuencias negativas, en arp propondrán una comisión de crisis La consecuencia inmediata de la carne importada del Brasil sin certificación sanitaria es la disminución del precio del ganado vivo. De US\$ 3,3 por kg bajó a US\$ 2,9. Una cuestión muy grave, sin considerar el riesgo de perder mercados, advirtió ayer Manuel Riera, de la ARP.

Apenas se detectó el cargamento de carne que ingresó sin permiso de Senacsa, se procedió a su pronta destrucción por parte de autoridades sanitarias del país. / ABC ColorAMPLIAR

El vicepresidente primero de la Asociación Rural del Paraguay (ARP) fue consultado respecto a lo afirmado por el economista Manuel Ferreira, de que la consecuencia del escándalo de la carne contrabandeada del Brasil por el Frigorífico Concepción implicará la disminución del precio del ganado vivo. Riera dijo que es así y que los porcentajes varían un poco de frigorífico a frigorífico, "pero más o menos es así".

"Esa es la consecuencia inmediata", respondió ayer a este diario. Mencionó que la retracción se dará igualmente en la contratación de camiones de transporte de ganado, personal contratado en el campo afectado a las inversiones, entre otros puntos claves de la cadena productiva. "Obviamente, se van a retraer primero las inversiones", apuntó Riera.

"Esto es muy grave sin considerar el riesgo de que nos cierren los mercados. No, la situación es muy grave; es muy grave lo que ocurrió", recalcó.

De enero a diciembre del año 2017 el Paraguay exportó 517.165 toneladas de productos y subproductos de origen animal, lo que significó el ingreso a nuestro país de US\$ 1.429 millones en ese concepto.

Comisión de crisis

Preguntado sobre el análisis de la ARP y qué planteamientos hará al respecto, respondió que hoy estarán proponiendo la creación de una comisión de crisis, que analice el tema y que se ponga a disposición de las instituciones del Estado para trabajar en la solución, "porque creemos que lo peor que puede ocurrir es que se cierre Frigorífico Concepción".

Recordó que en la actualidad se está verificando una auditoría en la citada planta industrial respecto al cumplimiento de las normas sanitarias que exigen los mercados internacionales y en función a eso, ver si se puede habilitar lo antes posible.

"Vamos a plantear, no sé si vamos a conseguir. Se nos ocurre que una solución sería crear un equipo especial de cuatro o cinco personas que puedan involucrarse en el tema a ver si se buscan soluciones



para resolver el problema. Vamos a plantear (la creación de la comisión de crisis) mañana (por hoy) a la mesa directiva y si la mesa aprueba, se llevará a la comisión directiva”, dijo.

El 2 de mayo pasado fueron incautados seis camiones con 180 toneladas de carne procedente del Brasil con destino a Frigorífico Concepción. La carne no contaba con la certificación sanitaria del Senacsa. El cargamento fue destruido y el viernes último el Gobierno destituyó al ministro de Agricultura y Ganadería y al titular de Aduanas.

Carne sin permiso, “normal” para Senacsa

19 de mayo de 2018

Desde hace más de una semana hay un cargamento de 84 toneladas de carne envasada al vacío en tres camiones frigoríficos brasileños en el puerto privado San José de Mariano Roque Alonso. El producto no cuenta con certificado sanitario ni otros documentos. En Senacsa dicen que permisos se están tramitando y que no es irregular, porque la carga “técnicamente aún no entró al país”. Desde el sector privado lo refutan y señalan que todo debió hacerse en frontera.

Más camiones de carne detenidos en Pedro Juan

22 de mayo de 2018 | son cuatro vehículos refrigerados provenientes de Brasil

Cuatro camiones refrigerados con carne están retenidos desde la semana pasada en la zona primaria de Puertos de Pedro Juan Caballero. Ingresaron de Ponta Porã, Brasil, antes de la suspensión de la importación de carne.

(Cándido Figueredo Ruiz, corresponsal). Los cuatro vehículos refrigerados están varados en el patio de la ANNP, ya que no podrán llegar a destino tras la medida de suspensión dictada por el Senacsa. No se pudo obtener el nombre del frigorífico que sería el destino final de la carga.

Hay versiones de que habría más camiones con carga de carne en la Receita Federal de Ponta Porã que tendrían como destino a nuestro país. Nadie de Puertos quiso brindar información. Aludieron que el único autorizado a brindar detalles del caso es el administrador de la institución, Jaime Pérez.

En los próximos días, las autoridades aduaneras deberán decidir el destino de los cuatro camiones cargados con carne brasileña. Si se reenvía a su país de origen o se procede a su desnaturalización en nuestro país.

El problema estalló al detectarse la importación irregular de 180 toneladas de carne bovina desde Brasil, sin el certificado sanitario por parte de Senacsa. El cargamento fue destruido posteriormente en Villa Hayes.

Senacsa suspendió al Frigorífico Concepción, destino de la carne. La semana pasada se levantó parcialmente la suspensión que impedía la exportación de carne vacuna desde ese frigorífico. Por este tema fueron destituidos autoridades de Aduanas y del Ministerio de Agricultura y Ganadería.

Juez impondrá medidas

El juez penal de Garantía Humberto Otazú fijó fecha para imposición de medidas alternativas a la prisión a siete funcionarios de Aduanas de Pedro Juan Caballero, para quienes la fiscalía pidió la ampliación de la imputación. El 6 de junio desde las 8:30 se deben presentar Adán Di Giacomo, quien se desempeñaba como subjefe de división de resguardo; Cecilio Núñez, jefe de la división de contraloría de Aduanas; Óscar Prieto, oficial guarda en la división resguardo; Epifanio Godoy, jefe de división visturía; Francisco Ruiz Díaz, subjefe en la división de visturía; y Enrique Céspedes, del departamento de Registros.

En medio de más contrabando de carne, caen los titulares de Aduanas y el MAG

19 de mayo de 2018 | surgen informes sobre paso de más camiones por salto del Guairá y ciudad del este. El contrabando del Frigorífico Concepción terminó por descabezar ayer a Aduanas y al Ministerio de Agricultura y Ganadería. Hay datos de que más camiones entraron con carne brasileña por Salto del Guairá y Ciudad del Este.

En una tarde movida y en vísperas del viaje a Israel del presidente de la República, Horacio Cartes, se produjeron ayer varios cambios a nivel oficial como consecuencia de la incautación de carne vacuna ingresada al país sin la certificación sanitaria del Senacsa, que ocurrió el pasado día 2.

El ministro de Industria y Comercio, Gustavo Leite, fue el encargado de anunciar ayer en Mburuvicha Róga la destitución del director de Aduanas, Nelson Valiente; del ministro de Agricultura y Ganadería, Marcos Medina, y del viceministro de Ganadería, Marcelo González.

En reemplazo de Valiente fue designado como interino en Aduanas Luis Morales Rojas; al frente del MAG, Luis Gneiting, exgobernador de Itapúa y excandidato a vicepresidente de la República por Honor Colorado en las internas del Partido Colorado; y el Ing. Mario León, actual viceministro de Agricultura, fue designado interinamente como viceministro de Ganadería.

En la residencia presidencial, Leite explicó a los medios periodísticos que los cambios fueron dispuestos por el Poder Ejecutivo a raíz del ingreso de carne vacuna del Brasil burlando los controles de Aduanas y



del Senacsa. Dijo que en el sonado episodio funcionarios no hicieron bien su trabajo de control, por lo que son responsables del escándalo de la carne “importada” por Frigorífico Concepción.

El nuevo titular del MAG, Luis Gneiting, manifestó que el presidente del Senacsa, Dr. Hugo Idoyaga, “tiene una gran responsabilidad en todo lo ocurrido” y agregó que “habría que ver si continúa, porque hubo fallas”.

Más camiones

Por otra parte, ayer surgieron informes de que más camiones con carne brasileña entraron al país para el Frigorífico Concepción el mismo día 2 de mayo. Según registros a los que accedimos, varios camiones ingresaron por Saltos del Guairá sin certificación sanitaria del Senacsa, en la misma fecha en que fueron incautados seis camiones ingresados por Pedro Juan Caballero, y también en los días siguientes.

Al respecto, consultamos con Manuel Barboza, de Senacsa, quien no pudo confirmar ni desmentir, porque eso más bien corresponde a Aduanas, alegó.

En tanto que el abogado de Frigorífico Concepción, Pedro Ovelar, dijo a ABC que las cargas que aparecen en esos registros forman parte de las 7.533 Ton. de carne vacuna que trajeron al país entre enero y mayo por los puntos autorizados: Pedro Juan Caballero, Saltos del Guairá y Ciudad del Este. De ese total, 3.000 Ton. tenían permiso de Senacsa y el resto contaba con papeles, pero demoró la autorización “por presión de un sector gremial”, argumentó.

Dan a entender que paso de la carne fue liberado por presión

23 de mayo de 2018 | Habló Destituido Jefe Aduanero De Pedro Juan Caballero

Unos 22 días antes de que se descubriera el ingreso ilegal de carne vacuna al país desde el Brasil, aduaneros del Amambay empezaron a recibir presiones, lo que fue informado a superiores de Asunción, que no tomaron medida alguna al respecto, reveló ayer el exjefe de Aduanas de Pedro Juan Caballero.

Rafael Salum Nayar, exadministrador de Aduanas de Pedro Juan Caballero, contó ayer a ABC Cardinal que unos 22 días antes de que explotara el caso de la carne vacuna decomisada por su ingreso ilegal desde Brasil, funcionarios a su cargo comenzaron a recibir “presiones”, por lo que luego solicitó a sus superiores de Asunción a que se procediera al cambio de los mismos. Explicó que “cuando te das cuenta que hay mucha presión y no aguantan, hay que tomar decisiones”.

A la pregunta de a qué tipo de presiones se refería, respondió escuetamente que provienen de “quienes utilizan el servicio de Aduanas”. Cuando se le insistió si era para liberar el paso de la carne brasileña, dijo que fue “sobre varios temas”. “Sí, también (de la carne); siempre hay presiones en todos los rubros”, justificó.

Se le consultó también si es cierto que la despachante Emiliana Canale Gamarra, que trabaja para Frigorífico Concepción, importadora de la carne decomisada, es pariente del ahora exdirector de Aduanas Nelson Valiente, destituido del cargo justamente por este caso, Nayar señaló que esa versión surgió de los propios funcionarios, cuando el pasado día 8 de mayo comenzó un sumario en Aduanas de Pedro Juan para definir responsabilidades respecto a lo que ocurrió con la carne brasileña. “Puede ser que sea cierto”, indicó, sin dar más detalles.

Aclaró, sí, que no tenía muy buenas relaciones con Valiente, que prácticamente no le hablaba, “por políticas de trabajo”, argumentó.

Aunque los cargamentos de Frigorífico Concepción siempre pasaron en horarios y lugares habilitados, y con base en informes que compartía con ellos la oficina aduanera (Receita Federal) de Brasil, señaló que hace un tiempo venía llamándole la atención la cantidad de camiones, de 10 a 12 furgones por día, por lo que una semana antes del decomiso preguntó a sus funcionarios al respecto, y le informaron que las cargas estaban pasando por todos los procesos locales y verificaciones de documentos. Argumentó que ellos no tienen la responsabilidad legal de definir si un documento era falseado o no.

Añadió que, gracias al sumario que ordenó, el caso se está investigando a nivel de Aduanas. “Hice todo lo que tenía que hacer; el cambio fue injusto”, afirmó al referirse a su destitución y traslado a Asunción.

Por este mismo episodio, además de Valiente, el Gobierno destituyó al ministro de Agricultura y Ganadería, Marcos Medina; y al viceministro de Ganadería, Marcelo González Ferreira.

Revelan que son 11 mil Ton. de carne las que ingresaron sin autorización

20 DE MAYO DE 2018 | Riera y Medina piden tranquilidad para mantener la confianza de los mercados

Un total de 11.000 toneladas de carne ingresaron por Aduanas este año desde Brasil sin licencia previa de importación del MIC, informó ayer el exministro de Agricultura Marcos Medina, en compañía de Manuel Riera, de la Rural, en el programa Economía y Más, de ABC Cardinal.

“No son solo 7.500 Ton. de carne las que se registraron en Aduanas como ingresadas este año desde Brasil, sino unas 11.000 Ton., sumando todas las empresas, sin que tengan autorización previa de importación del Ministerio de Industria y Comercio”, señaló ayer Marcos Medina, exministro de Agricultura y Ganadería (MAG), en el programa dirigido por Manuel Ferreira y Ramón Casco, en ABC Cardinal.



Alegó que el MAG no tiene vinculación administrativa alguna con el comercio de la carne, como sí lo tienen el MIC y el Senacsa. En ese sentido detalló que Senacsa autorizó, “sanitariamente”, unas 3.500 Ton.; Aduanas “admitió la entrada al país” de unas 7.500 Ton. para Frigorífico Concepción (más 3.500 Ton. para otros importadores), pero el MIC no emitió certificado de importación para una sola tonelada, insistió Medina.

“Lo que aconteció es una suma de errores de varias instituciones, pero es importante admitirlos para corregir, porque los mercados nos están observando y debemos mantener la confianza de los mismos”, expresó Medina, quien propone que el Sistema Sofía (de Aduanas) se vincule con el Sigor del Senacsa y con la licencia previa de importación del MIC, para que el comercio de la carne sea transparente.

También participó en el programa el vicepresidente de la Asociación Rural del Paraguay (ARP), Manuel Riera, quien destacó que es muy importante que, con todos los controles y garantías, el frigorífico Concepción debe seguir operando. “Hay que darle oxígeno”, porque es una industria relevante, sus exportaciones representan más del 20% de los envíos de nuestra carne y es mucho lo que depende de su funcionamiento.

A su vez, el economista Manuel Ferreira, conductor del programa, señaló que la deuda del Frigorífico Concepción en el mercado es de unos US\$ 143 millones, y que sin los mercados de Rusia, Israel, Taiwán y Europa será muy complicada la sustentabilidad de esa empresa.

Respecto a las consecuencias, se mencionó la disminución de precio del ganado, de US\$ 3,3 por kg bajó a US\$ 2,9 por kg. Habrá retracción de las inversiones en ganadería, reestructuración de deudas, entre otras cosas, señalaron.

Fiscalía amplía la imputación

19 DE MAYO DE 2018 La fiscal Estefanía González amplió ayer la imputación por el caso de contrabando de carne que involucra al frigorífico Concepción.

Ahora son investigados también Emiliana Canale Gamarra, despachante de Aduana; y los funcionarios de la Dirección Nacional de Aduanas que estaban en Pedro Juan Caballero al momento del cruce de las cargas, el pasado día 2 de mayo. La lista incluye a Adán Di Giacomo Giménez, Cecilio Núñez Saldívar, Óscar Alberto Prieto, Epifanio Godoy Mendoza, Francisco Ruiz Díaz Araújo y Enrique Javier Céspedes Gómez. Es por contrabando y producción de documentos no auténticos, según consta en el escrito que presentó la agente fiscal al juzgado.

Los ya procesados son el presidente de frigorífico Concepción, Jair Antonio de Lima; Ednor Fernández Delmondes, Gerson Andrés Wasen, Lindiomar Lima de Souza, Jader Pires de Andrade Filipo, Amado Ramón Gauto González, Carlos Mendoza y César Dos Santos Toledo.

El juez penal de Garantías Humberto Otazú fijó para el próximo 31 de mayo a las 8:30 la audiencia de imposición de medidas alternativas para Jair de Lima y para las 9:00 el gerente de la empresa transportadora de carne, César Augusto Dos Santos Toledo. Para ambos la fiscalía solicitó el arresto domiciliario.

Cámara de Carne, a favor de “barridas” en Gobierno

21/05/18 | destituciones son buenas señales para el mundo, afirman

La Cámara Paraguaya de la Carne (CPC) está conforme con las “barridas” dispuestas por el Gobierno en Aduanas, el MAG y Senacsa, tras el escándalo de la carne ingresada de contrabando. El gremio sostiene que esto, sumado al procesamiento penal de funcionarios, son señales positivas para el mundo.

El ingreso a Paraguay de toneladas de carne contrabandeada desde Brasil no traerá consecuencias negativas para el futuro, pues las instituciones locales están reaccionando conforme a la ley, según afirmó ayer el presidente de la CPC, Luis Pettengill, en conversación con nuestro diario.

Las destituciones de funcionarios del Servicio Nacional de Calidad y Salud Animal (Senacsa), el procesamiento penal de los mismos, además de los cambios de los titulares del Ministerio de Agricultura y Ganadería (MAG) y de Aduanas, son consideradas una “clara señal” del Gobierno. “La señal del Gobierno fue clara y contundente al hacer los cambios; es una señal para el mundo, para todos los clientes extranjeros que están comprando; 73 mercados abiertos tenemos y es una señal clara de que si algo ocurre, el Gobierno va a actuar y que no va a permitir ningún tipo de anomalías”, señaló Pettengill.

A su criterio, los delitos siempre pueden ocurrir en cualquier ámbito, pero lo que mira el mercado internacional es si una vez que se comete un ilícito, qué se hace para mejorar y remediar ese problema y la situación generada en consecuencia. “Ahora queda en manos de la Fiscalía y la Justicia que den el castigo correspondiente a los demás, no solamente al estamento público”, dijo.

Al ser preguntado sobre si basta la destitución de titulares de las instituciones involucradas, considerando que los mismos no están siendo procesados por la Justicia, respondió: “Realmente el hecho de que se les haya separado del cargo es una señal muy fuerte, normalmente no ocurren estas cosas, con eso estamos



tranquilos y los países compradores, también. Es lo que puede hacer el Gobierno, después se hacen los sumarios, etc.”.

En el caso del Frigorífico Concepción, “realmente los que estuvieron involucrados directamente, los funcionarios de campo, están siendo procesados. Se echó a varios directores, ministros, viceministros. Creo que hicieron ya bastante”, añadió.

No obstante, el titular de la CPC espera que la justicia continúe con las investigaciones hasta llegar a todos los responsables. En tal sentido, resaltó la confianza que tienen en el sector hacia el juez Humberto Otazú, que lleva el caso. “Consideramos que es uno de los jueces con actuaciones muy importantes y fundamentales (en sus anteriores casos) y no creemos que vaya a tener ningún tipo de dificultades. Creo que sí va a actuar conforme a la ley”, resaltó.

Exportan sin trabas

Según los datos de la Cámara de la Carne, los frigoríficos exportadores no están teniendo ningún tipo de inconvenientes para la exportación ni para la faena. Lo que sí se encuentra restringida por el momento es la importación y lo estará hasta que se esclarezca todo lo relacionado a la entrada irregular de la carne brasileña al mercado local, en grandes cantidades.

“La exportación es normal para todos los que estamos con nuestros mercados abiertos, sin problemas”, puntualizó Pettengill.

Tendal de imputados

El Ministerio Público dispuso numerosas imputaciones por los delitos de contrabando y producción de documentos no auténticos, tras el caso que involucra al Frigorífico Concepción.

Funcionarios de Aduanas, despachantes y miembros de la citada empresa están siendo investigados por la Fiscalía y al menos 15 tienen imputaciones, según los datos oficiales.

Firma asegura que su carga de carne no es contrabando

20 de mayo de 2018 El empresario brasileño Carlos Cruz, director de Frigorífico All Food SRL, llegó ayer hasta nuestra redacción para señalar que su carga de carne que está actualmente en zona primaria aduanera, en el Puerto San José, de Mariano Roque Alonso, no es contrabando como se presume en informaciones difundidas por la prensa.

Tras el acontecimiento ocurrido con el Frigorífico Concepción se está satanizando toda la importación de carne y se ha cambiado las exigencias de la noche a la mañana. Ahora virtualmente está prohibida la importación de carne, se quejó el empresario.

Cruz explicó que desde el 2006 hasta el 2 de mayo pasado, la importación de carne se realizaba normalmente hacia el Paraguay, solicitando al Senacsa los permisos sanitarios para la importación, pero luego de comprometer la compra en el exterior y trayendo toda la documentación sanitaria de la institución correspondiente del país vecino.

Aclaró que su empresa se dedica exclusivamente a la importación y que surte desde hace varios años al mercado local, a cadenas de supermercados. “La carne que está en el Puerto San José no es contrabando, está siguiendo todo el proceso legal, está todavía en zona primaria, se trajo allí con un permiso de paso desde Ciudad del Este; era para una cadena de supermercados de la Capital, para los recientes feriados”, indicó.

Cruz mostró una serie de documentaciones del Senacsa, Aduanas y facturas de ventas a supermercados, transferencias bancarias y certificados sanitarios, entre otros documentos.

El empresario llegó acompañado del despachante Alberto Prieto y refirió que ante la muy prolongada retención que estaba sufriendo su carga de carne en el referido puerto, solicitó al Senacsa realizar el transbordo a camiones paraguayos, con miras a liberar a los transportistas brasileños, lo que fue autorizado. “Sin embargo, dicho proceso fue mal interpretado como si fuera algo ilegal”, aseguró. Los tres camiones ingresaron al país en diversas fechas, uno el 6 de mayo, otro el día 7 y el tercero el día 12, a través del Puente de la Amistad, en Ciudad del Este. Desde esas fechas están en la zona primaria del puerto San José.

Frigorífico Concepción deja de ser asociado de la Cámara Paraguaya de las Carnes

21/05/2018 Por el escándalo sobre ingreso irregular de carne desde Brasil

La Cámara Paraguaya de Carnes ha echado de este organismo a la firma cárnica Frigorífico Concepción tras el escándalo surgido por el ingreso irregular de productos cárnicos desde Brasil. Para la institución, esto supone una amenaza grave al prestigio de la carne paraguaya en mercados de todo el mundo.

Unas 180 toneladas de carne ingresaron en forma irregular a Paraguay desde Brasil. Por el hecho están imputados el presidente del Frigorífico Concepción, Jair Antonio de Lima, y otro personal de la compañía. Además están imputados los funcionarios de Aduanas de Pedro Juan Caballero que permitieron el ingreso de los productos.

Desde la Cámara se muestran satisfechos por las medidas tomadas por el gobierno paraguayo para echar también a funcionarios que de una u otra forma están relacionados con este escándalo que se está



viviendo en el país sudamericano. "No obstante, se deben esclarecer negligencia o complicidad de otros estamentos públicos que deberían haber intervenido en diversas etapas de la operación, e incluso en anteriores irregularidades que han pasado desapercibidas", aseguran en un comunicado.

Por su parte, Jair Antonio de Lima, gerente de la empresa, ha asegurado en declaraciones a la prensa paraguaya que "importamos carnes de frigoríficos de Brasil de altísima calidad, de frigoríficos habilitados para todo el mundo. No incurrimos en contrabando, ingresamos la carne legalmente. Colocar la carne brasilera con precios accesibles- a precios del 2010- en el mercado paraguayo, es nuestro pecado". Consultado sobre la supuesta falta de documentación y permisos, De Lima dijo que cometieron un error administrativo "porque no tenían el 100% de los permisos". Aseguró, además, que en ningún momento falsificaron documentaciones y que sí pagaron todos los impuestos en la Aduanas.

Cabe recordar también que debido a este escándalo han sido destituidos el director de Aduanas, Nelson Valiente, asumiendo en su reemplazo Luis Catalino Morales. También dejó su cargo el ministro de Agricultura y Ganadería, Marcos Medina, y fue nombrado en su reemplazo Luis Gneiting.

Molestaba producto más barato, alega frigorífico

21 de mayo de 2018 El abogado de Frigorífico Concepción, Pedro Ovelar, cree que el motivo de la oposición a la importación de carne del Brasil fue debido a que esta planta frigorífica ofertaba carne vacuna a menor precio que los demás frigoríficos.

"La oposición de estos sectores gremiales era porque el precio de la carne del Brasil es más barato y, al final, les obligaba a ellos a disminuir el precio de la carne para la población paraguaya", declaró a ABC Color el citado abogado de la planta frigorífica auditada por el Servicio Nacional de Calidad y Salud Animal (Senacsa) y suspendida parcialmente para exportación vacuna a algunos de los grandes mercados externos.

"Por eso fue la oposición. No era por una cuestión netamente altruista o de cuidado de nuestra imagen país, sino que el precio bajo que Frigorífico Concepción estableció en el mes previo al Día del Trabajador, que fueron precios que en el año 2010 se tenían. Eso molestó al gremio. Se ofertaban costilla a G. 16.500 el kilo", recalzó Ovelar. Preguntado a qué gremio se refería, dijo que, específicamente, a la Asociación Rural del Paraguay (ARP).

En cuanto a la falta de documentación sanitaria para la importación de carne, el abogado reconoció que hubo "una falta administrativa", que se pretendía corregir o adjuntar posteriormente para el registro en Aduanas, "pero no hubo tiempo, porque se provocó esta intervención antes".

Requerido por qué no se otorgaron esos permisos, dijo que se habían solicitado, pero que hubo demora en la respuesta del Senacsa hacia el Frigorífico Concepción. Señaló que esa demora se debió a la presión que ejercía "un sector gremial que no estaba de acuerdo con la importación, por lo que disminuyó la continuidad del otorgamiento" del permiso para importar carne.

MIC investiga a cuatro frigoríficos

24/05/18 Son cuatro los frigoríficos –Concepción, Frigonorte, Guaraní y All Food– los sumariados por el Ministerio de Industria y Comercio (MIC) por el presunto ingreso ilegal de carne en nuestro país, según informó ayer el titular de la cartera Gustavo Leite, durante una conferencia de prensa en Mburuvicha Róga, luego de una reunión con el presidente Horacio Cartes.

Acompañaron a Leite el ministro del Interior, Ariel Martínez; el titular de Aduanas, Luis Morales; la subsecretaria de Tributación, Marta González; el comisario Edgar Galeano y Luis Gneiting, quien hoy jura como nuevo ministro de Agricultura y Ganadería.

Leite explicó que los citados frigoríficos importaron carne este año sin la licencia previa del MIC, por lo que están siendo investigados. Enfatizó que si se comprueban las faltas serán multadas conforme a la ley.

Afirmó que "por primera vez en la historia" del país no va a quedar en el opareí el posible contrabando de carne y que también los funcionarios del Estado que resulten responsables serán puestos a disposición de la justicia.

El ministro refirió que ayer finalmente recibieron toda la documentación requerida al frigorífico Concepción, que habría importado en forma ilegal del Brasil casi 4.000 toneladas de carne, y que para el lunes o martes próximo terminarán el sumario que descubrirá porqué las importaciones de la firma este año en un "cien por ciento" fueron sin licencia del MIC.

Leite, así como Martínez y Gneiting, puntualizaron que el Gobierno está firme en llegar a esclarecer estos casos de supuesto contrabando y que si se comprueban las irregularidades habrá fuertes sanciones.

En la conferencia de prensa presentaron al comisario Galeano como el que hizo el seguimiento y luego capturó seis camiones con cargamento de carne ilegal que eran para el frigorífico Concepción y que generó todo el escándalo de contrabando.



Rusia solo retuvo la carga, dicen

22 de mayo de 2018

Rusia no cerró el mercado de la carne al Paraguay a causa del incidente con el frigorífico Concepción, dijo ayer el viceministro de Relaciones Exteriores, Federico González, después de una reunión con el embajador ruso Nikolai Tavdumadze en la sede de la Cancillería.

El diplomático ruso indicó que dos cargas que llegaron a su país están bajo control y fueron retenidas.

“El mercado ruso no está cerrado a la carne paraguaya, de acuerdo a lo que me señaló el embajador, continúa normalmente con excepción de dos envíos que tuvieron ciertas dificultades”, remarcó el viceministro.

Siria y Reino Unido

En la reunión el diplomático ruso también negó que su país esté involucrado en los ataques con agentes tóxicos en el Reino Unido y Siria. “Ellos están muy preocupados, ellos mantienen la posición que no tienen nada que ver con eso, y entonces a través de la Organización para la Prohibición de las Armas Químicas (OPAQ) están tratando de llevar adelante, que haya un informe sobre esos temas específicos”, detalló el viceministro.

Para mercados fue un hecho aislado, afirman

24 de mayo de 2018

Los servicios sanitarios de los principales países compradores de Paraguay entienden que lo ocurrido con la importación de carne del Brasil sin certificación sanitaria es un caso aislado y coyuntural, manifestó Juan Carlos Pettengill, presidente de la Cámara Paraguaya de Carnes. Prueba de ello es que en junio próximo vendrán a nuestro país auditorías de Taiwán y Chile para habilitar más frigoríficos para la exportación de carne, apuntó.

Señaló igualmente que la designación de Hugo Idoyaga, presidente del Senacsa, como miembro del consejo de la OIE (Organización Mundial de Sanidad Animal), constituye un respaldo de la comunidad internacional a la producción cárnica de nuestro país.

Preguntado si el episodio afecta al mercado de la carne paraguaya, dijo que para el sector industrial “la vida continúa”, y que el 80% restante de la industria sigue trabajando normalmente. “Es más, en junio tenemos la visita de Taiwán para habilitar tres plantas (frigoríficos) más, y a finales de junio tenemos visita de Chile para habilitar otras tres plantas más. La vida continúa. Este es un caso aislado y ya no queremos más llorar por la leche derramada”, expresó.

Indicó que la dilucidación de los hechos está a cargo de las instituciones del Estado, que cada uno en su ámbito, siguen investigando y aplicando las medidas que corresponden.

Consultado si como consecuencia del escándalo el precio de la carne al consumidor en nuestro país podría reducirse, Pettengill contestó: “Seguro que va a bajar. Después del 1º de mayo la costilla y el vacío tienden a bajar (de precio). Ahora, en esta época que nosotros llamamos zafra, porque se faenan muchos animales, hay más ofertas de carne en el país”, dijo.

UNIÓN EUROPEA

UE Inicia negociaciones con AUSTRALIA y NUEVA ZELANDA

The Council adopted today negotiating directives for free trade agreements with Australia and New Zealand. The preparations – which included an impact assessment for both agreements– are now complete and formal negotiations can begin. President of the European Commission, Jean-Claude Juncker said: "These agreements will build on the recent successful agreements with Canada, Japan, Singapore, Vietnam, as well as Mexico among others, expanding the alliance of partners committed to open and rules-based global trade. Open trade must go hand in hand with open and inclusive policy making. That's why the Commission published the draft negotiating mandates with Australia and New Zealand when it proposed to the Council to open these negotiations. These agreements will be negotiated in the greatest transparency and we expect Member States to uphold this high level of transparency." Commissioner for Trade Cecilia Malmström said: "We look forward to adding Australia and New Zealand to the EU's ever-growing circle of close trading partners. We are already close in terms of shared values and our open, global outlook. Together, we will now negotiate win-win trade deals that create new opportunities for our businesses, as well as safeguard high standards in key areas such as sustainable development. I am looking forward to visiting Canberra and Wellington in the coming weeks to officially launch our negotiations. Starting these talks between likeminded partners sends a strong signal at a time where many are taking the easy road of protectionism." Australia and New Zealand are important allies. Despite the distance, trade between the EU and these two countries is already roughly the same as with Mexico or Canada. Following Commissioner Malmström's June visits to both countries to launch talks at the political level, the first formal negotiation rounds are envisaged to take place in Brussels in July. For more information see the press release, the factsheet, the impact assessments (Australia, New Zealand) and the



webpages dedicated to EU-Australia and EU-New-Zealand trade relations. (For more information: Daniel Rosario – Tel.: +32 229 56185; Kinga Malinowska – Tel.: +32 229 51383)

Comisionado de Agricultura promovió la carne bovina en CHINA

22 May 2018 CHINA - China could shortly allow imports of beef from France, Germany and the Netherlands, which have been under embargo for almost 17 years, according to the EU Commissioner of Agriculture Phil Hogan, Yicai.com reported.

According to Chinese industry authorities, the country sees a supply shortage of 8 million tons of beef per year. That's more than the total annual output of beef in the EU, Mr Hogan said.

The commissioner recently came to China on his fifth visit of the year. He brought 70 EU companies with a total business value of €100 billion to the SIAL China International Trade Fair for Food, held in Shanghai earlier in May.

The main mission for Mr Hogan's Chinese visit was to seek out opportunities to lower the trading barrier through face-to-face negotiations with Chinese commerce officials.

China recently opened its market to beef from Ireland, the first EU country to benefit. So far, three Irish beef factories have been approved to enter the Chinese market, and five others are awaiting approval.

Mr Hogan said he came to China with high expectations from EU meat dealers, who regard the Chinese market as a great potential. Statistics indicate that there is much room for per-person consumption growth in China, Mr Hogan explained.

In 2017, meat consumption in China was 71 million tons, more than the total of the EU and the US. However, consumption per person in China was 50.3 kilograms, less than the US consumption of 98.6 kg and the EU consumption of 69.6kg, Mr Hogan disclosed.

EU exports of agricultural products to China have doubled over the last five years, he said, believing the growth rate will be maintained and even doubled in the years to come.

China announced a ban of beef imports from European countries due to the outbreak of "mad cow disease" in 2001. Over the past 17 years, the country has grown to become the second largest beef importer in the world.

Last year, China imported 700,000 tons of beef worth \$3.3 billion, an increase of 20 per cent from the previous year, according to the General Administration of Customs.

The EU has been working for years to ensure its meat is safe. The commissioner emphasized that EU beef is safe and the cattle are traceable to their birth farm.

No cases of mad cow disease have been reported since 2005, Mr Hogan said. The EU has carried out reform on food security, worked to ensure that the products are highly traceable, and built individual identification and country of origin labeling.

He disclosed that health and verification checks were being carried out by the Chinese side to finalize the lifting of the embargo and advances will be seen shortly.

TheCattleSite News Desk

ESTADOS UNIDOS

Mejoran los márgenes de la industria frigorífico por baja de precio de la hacienda

ReutersReuters•May 23, 2018 CHICAGO, May 23 (Reuters) - U.S. beef packers including Tyson Foods Inc and Cargill Inc are racking up historically high margins, thanks to slumping cattle prices amid a supply glut and as Americans turn to beef for their backyard summer barbecues.

Supermarkets are stocking up on steaks, hot dogs and hamburgers for the May 26 U.S. Memorial Day holiday weekend, the start of the summer grilling season. "I think the consumer in the next 90 days is going to have a big opportunity to probably buy some beef fairly cheap," said Pete Bonds, owner of Bonds Ranch based near Fort Worth, Texas.

The U.S. Department of Agriculture forecast surging numbers of steers and heifers ahead - further weakening prices for slaughter-ready, or cash, cattle while strengthening packer revenues.

"We've basically got a wall of cattle to go through ... we're selling these cattle just as fast as we can get a bid," said Bonds.

HedgersEdge.com calculated that U.S. beef packers on Wednesday earned an estimated \$236.90 per head of cattle processed, the highest this year. It had not topped \$100 since November 2017 but is still shy of the record of \$254.35 last June.

Some of the market conditions behind last year's record margins have again resurfaced: weaker live cattle futures, sharply lower cash cattle prices and rising wholesale beef values, said HedgersEdge.com analyst Bob Wilson.

Chicago Mercantile Exchange live cattle slid 22 percent from their Feb. 20 high to a low of \$101.375 on March 17 in anticipation of larger supplies. "The market is telling cattle feeders it wants those cattle to come to slaughter now," said Livestock Marketing Information Center senior economist Katelyn McCulloch.



Analysts said the bulge of animals at feedlots is contributing to lower cattle returns.

Last week cash cattle prices in the U.S. Plains averaged about \$114.75 per hundredweight (cwt), \$15 below this year's high for the week ended Feb. 17, according to USDA data.

For the week ending May 18 the USDA quoted wholesale choice-grade beef, which is preferred by cookout enthusiasts, at \$231.93 per cwt, the year-to-date high.

McCulloch said the surplus of cattle is moving through the system efficiently as packers capitalize on their impressive margins. Still, beef demand is critical for a consistent flow of cattle through the pipeline, she said.

"Ultimately, it comes down to keeping up demand for cattle, not just heading into grilling season when beef demand is high, but also in the months following." (Reporting by Theopolis Waters in Chicago Editing by Matthew Lewis)

Cotizaciones de los trimmings se mantienen estables

21 May 2018 US - Beef trimmings prices have been unusually stable so far this year when compared to recent years, as well as beef cut prices at the wholesale level, reports Steiner Consulting Group, DLR Division, Inc.

The primary supply of lean trim material is cows and first quarter slaughter was up 8 per cent from a year earlier. Average cow carcass weights were 2 per cent heavier than a year earlier, supplementing the increase in head processed. Even with this increase in supply, lean beef trimmings prices have gradually moved higher.

The same theme applies to the fat beef trimmings market, where supplies generally come from steer and heifer slaughter. Supply during the first quarter was up close to 2 per cent from a year earlier, and 50 per cent lean trim prices ended the quarter higher than at the start of the year, with less variation than in the first quarter of prior years.

A salient factor in the market this year has been lower frozen product inventories and less of an orientation to liquidating those inventories. Given the perspective that beef production would be ample this spring and summer, driven by big placements of cattle into feedlots in the second half of 2017 and the first couple months of this year, expectations (e.g. the cattle futures market) have been that beef prices would plunge.

Understandably, this would be detrimental to the value of frozen inventory going into these months, which might prompt liquidation of this stock. In 2017, frozen beef inventories were reduced 100 million pounds during the first quarter. With less in storage at the start of this year, inventory liquidation amounted to only 24 million pounds from January to March, offsetting some of the increase in beef supplies from more cow slaughter.

Consumer demand for beef has been a positive surprise this year, providing a foundation for the confidence to hold frozen inventory. Given the pattern of frozen beef inventories last year, year-over-year increases in coming months should not be a surprise. The stability of trimmings prices will play a role in how much beef is in cold storage as the spring and summer progress.

Menos ingresos de animales a feed lots en abril

23 May 2018 US - Analysts polled ahead of the upcoming USDA 'Cattle on Feed' report agree that feedlots placed fewer cattle on feed this April than they did a year ago, according to Steiner Consulting Group, DLR Division, Inc.

The main disagreement is about the magnitude of the decline. On average the nine analysts asked by Urner Barry said they expect placements to be down 9.4 per cent compared to a year ago. If correct, this would imply 1.674 million head of cattle were placed in feedlots with +1000 head capacity and the second consecutive month of lower placements.

The decline in placements should be viewed in the broader context of higher placements last fall and earlier in the year. Poor fall pastures and a sharp deterioration of winter wheat conditions forced producers to push more cattle into feedlots earlier.

It is not unusual from a seasonality perspective for feedlots to place fewer cattle on feed in April than in March due to the flow of cattle from winter wheat pastures into feedlots. April cattle sales in the country were lower, supporting the view that feedlots placed fewer cattle on feed for the month.

In the four April weeks, total auction sales were down 6.5 per cent compared to the same four week period a year ago. Sales of cattle weighing 600 pounds or more were 6.9 per cent lower than a year ago.

Direct sales of +600 pound cattle were down 26 per cent and video/internet sales of similar cattle were down 19 per cent. Overall, total receipts during these four weeks, for all weights, were down 15.4 per cent.

Sales of +600 pound cattle through the various marketing channels in April were 18.9 per cent lower than a year ago. The sales data tells us about the trend but it is not a very good predictor of the actual placements.

The reduction in feeder cattle imports has further reduced the number of cattle placed on feed in US feedlots. Feeder cattle imports from Mexico in April (based on weekly data) were down 26,747 head or -29



per cent compared to a year ago. Feeder cattle imports from Canada during this period were 917 head lower or -17 per cent.

If we go with the average of analyst estimates, cattle placements in March and April were down some 370,000 head compared to a year ago. This has little impact on the supply of cattle that will be marketed this summer but will impact availability by fall and early winter.

According to our calculations, the inventory of +120day cattle on 1 May is expected to be almost 3.8 million head, 21 per cent higher than a year ago. This is the largest +120day inventory since 2012. On 1 May 2012 feedlots had some 4.124 million head of +120day cattle on feed.

A robust marketing rate that summer allowed feedlots to quickly work through the available supply. Lower placements in Mar/Apr 2012 and the strong marketing rate caused market ready cattle supplies to decline sharply by fall, setting the stage for higher cattle prices in Q4.

Our initial estimates are that the marketing rate in May will be similar to what it was back in 2012. Participants will pay close attention to the rate of marketings during June-Aug and assess if current premiums for Q4 are warranted or if there is even more upside risk considering the level of demand in domestic and export markets.

Crece la importancia de la vaquillona en la producción de carne

Derrell Peel, Oklahoma State University Extension May 21, 2018 The heifer contribution to beef production depends on both heifer slaughter and heifer carcass weights. Heifer slaughter varies cyclically with additional heifer retention during herd expansion and reduced retention during liquidation, thus providing much of the variation in beef production in cattle cycles. Heifer slaughter as a percent of total steer and heifer (yearling) slaughter has averaged about 37 percent on an annual basis for the past 45 years, though heifers averaged less than 30 percent of yearling slaughter prior to 1965.

During periods of herd expansion, the heifer percentage of yearling slaughter drops to roughly 31 percent and during periods of herd liquidation, heifers will contribute about 40 percent to total yearling slaughter. Most recently, a twelve month moving average of monthly heifer slaughter percentage bottomed at 31.4 percent in mid-2016 during aggressive herd expansion. Back in 2001, cyclical liquidation of the beef herd resulted in a heifer slaughter percentage of 40.3 percent. Most of the period from 1995-2013 was herd liquidation and the average heifer percentage of yearling slaughter was 38.2 percent. The beef cow herd expanded from 2014 -2017 and the heifer slaughter percentage averaged 33.4 percent during that period. Most recently, heifer slaughter has increased to an annual average of 34.3 percent of yearling slaughter as heifer retention slows down.

The evolution of heifer carcass weights is even more interesting. Both steer and heifer carcasses have trended up for about 50 years. For example, heifer carcasses averaged 564 pounds in 1967 and 811 pounds in 2017. Heifer carcass weights have increased relative to steers over that period. Heifer carcasses averaged 84 percent of steer carcass weights until the 1970s; reaching 85 percent consistently by 1978. Heifer carcasses reached 86 percent of steers weights by 1982 and in just five years, from 1982 to 1987 shot up to 90 percent of steer carcass weights. By 1993, heifer carcasses were 91 percent of steer weights and by 1996 were 92 percent of steers. The percentage hovered around 92 percent until 2009, when it reached 92.2 percent, and increased to 92.3 percent in 2010. Heifer carcass weights have continued to inch up relative to steer weights. In December, 2017, the annual average heifer carcass weight reached 92.4 percent of steer weights for the first time and in the most recent months of February and March, 2018, the twelve month moving average of heifer carcass weight as a percent of steer carcass weight was a new record of 92.5 percent.

Clearly, the industry continues to feed heifers more and more efficiently over time. There may, however be a downside. Research at Oklahoma State University has shown that big carcasses lead to big beef cut sizes which may limit demand. Anecdotal indications from the industry suggest that for a number of years, some markets for beef products have specified heifer sources to ensure smaller product sizes. The problem now is that heifer carcass weights in 2018 are the same size as steer carcasses were in 2005. Heifer carcass weights appear to have provided a buffer against big steer carcasses for the past decade or more but that may be coming to an end. It may be that cattle and carcass weights can physically continue to get bigger but there is a very real question of the demand implications and economic consequences of continued growth in steer and heifer carcass weights.

EE.UU. renuncia a imponer aranceles a China y suspende la guerra comercial

21/05/2018 - China accedió el sábado a aumentar sus importaciones a EE.UU..

El Economista | Después de dos meses de negociaciones, y de una primera cesión de China hace unas horas, los gobiernos de Washington y Pekín han renunciado a aumentar los aranceles mutuos y poner fin así a la guerra comercial que se avecinaba. "Estamos poniendo en suspenso la guerra comercial", ha aseverado el secretario del Tesoro de EE.UU.



Steven Mnuchin, secretario del Tesoro, ha confirmado que su Gobierno ha “suspendido” temporalmente la imposición de aranceles a China mientras se ejecuta el acuerdo marco que ambas potencias anunciaron este sábado para reducir el déficit estadounidense respecto a Pekín. “Hemos acordado poner en suspenso los aranceles mientras ejecutamos el acuerdo marco” comercial, ha asegurado Mnuchin en declaraciones a la cadena de televisión Fox News.

Mnuchin ha concretado que se refería a los aranceles por 150.000 millones de dólares a cientos de productos chinos que el presidente estadounidense, Donald Trump, había amenazado con imponer por temas de propiedad intelectual y para forzar a Pekín a equilibrar la balanza de pagos bilateral.

Por su parte, el viceprimer ministro chino, Liu He, ha declarado este domingo que acabar con las diferencias en materia de políticas comerciales con Estados Unidos “tomará tiempo”, según ha informado la noticia estatal china Xinhua, citando declaraciones hechas durante una rueda de prensa posterior al anuncio de adoptar medidas conjuntas para reducir el déficit comercial estadounidense.

“La solución de los problemas estructurales que existen desde hace años en las relaciones comerciales entre China y Estados Unidos, requiere tiempo”, ha señalado Liu He. El viceprimer ministro ha estado al frente de la delegación china que ha participado en la segunda de negociaciones celebrada el 17 y 18 de mayo en Washington, tras la convocada en Pekín a principios de mes. El alto funcionario ha subrayado que “el avance sano de las relaciones comerciales se corresponde con el desarrollo histórico y nadie puede oponerse a ello”. “En el futuro pueden surgir nuevas dificultades y divergencias, pero debemos mantener la tranquilidad y sostener diálogo para resolverlas de manera constructiva”, ha añadido.

La cesión china. China había accedido a aumentar “significativamente” sus compras de bienes y servicios de Estados Unidos, en un intento de reducir los riesgos de una guerra comercial, pero evitó comprometerse a una meta concreta de reducción del déficit como buscaban las autoridades estadounidenses.

Estados Unidos y China anunciaron este sábado un acuerdo marco por el que el país asiático accedió a aumentar “significativamente” sus compras de bienes y servicios de Estados Unidos, con el objetivo de reducir el déficit comercial de 375.000 millones de dólares de Washington respecto a Pekín. Sin embargo, después de más de dos días de negociaciones en Washington, el Gobierno de Trump no logró convencer a China de que accediera a reducir ese déficit comercial en 200.000 millones de dólares hasta 2020, como querían los negociadores estadounidenses.

Mnuchin ha minimizado esa derrota, y ha afirmado que se habían acordado “metas específicas” de reducción del déficit según cada industria, pero que no iban a hacerse públicas. Ha asegurado que el secretario de Comercio de EEUU, Wilbur Ross, visitará pronto China con una delegación para concretar los detalles del acuerdo por el que Pekín se compromete a aumentar sus compras de productos agrícolas y energéticos estadounidenses.

“Hay compromisos muy fuertes en el tema de agricultura, esperamos ver un gran aumento, unos aumentos de entre el 35 y el 40 % en (las compras de) agricultura solamente este año”, ha defendido Mnuchin. “Y en el área energética, duplicaremos las compras de energía. Creo que podríamos ver 50.000 o 60.000 millones de dólares al año de compras energéticas durante los próximos 3 a 5 años. Estratégicamente, eso es muy importante para nosotros”, ha recalcado.

El titular del Tesoro ha subrayado que el presidente Trump “siempre puede decidir volver a imponer los aranceles” si China no cumple sus compromisos bajo el acuerdo marco. También ha aclarado que Estados Unidos no accedió a “ningún quid pro quo” en lo referente a la empresa china de telecomunicaciones ZTE, tras los intentos de China de que Washington levantara la sanción que le impide hacer negocios bajo jurisdicción estadounidense.

Reuters Staff May 20, 2018 Chinese state media on Monday praised a significant dialing back of trade tension with the United States, saying China had stood its ground and the two countries had huge potential for win-win business cooperation.

A trade war is “on hold” after the world’s largest economies agreed to drop their tariff threats while they work on a wider trade agreement, U.S. Treasury Secretary Steven Mnuchin said on Sunday.

The previous day, Beijing and Washington said they would keep talking about measures under which China would import more energy and agricultural commodities from the United States to narrow the \$335 billion annual U.S. goods and services trade deficit with China.

The official China Daily said everyone could heave a sigh of relief at the ratcheting down of the rhetoric, and cited China’s chief negotiator, Vice Premier Liu He, as saying the talks had proved to be “positive, pragmatic, constructive and productive”.

“Despite all the pressure, China didn’t ‘fold,’ as U.S. President Donald Trump observed. Instead, it stood firm and continually expressed its willingness to talk,” the English-language newspaper said in an editorial.

“That the U.S. finally shared this willingness, means the two sides have successfully averted the head-on confrontation that at one point seemed inevitable”, it said.



During an initial round of talks this month in Beijing, the United States demanded that China reduce its trade surplus by \$200 billion. No dollar figure was cited in the countries' joint statement on Saturday.

The ruling Communist Party's People's Daily said that in the energy and agriculture sectors the two countries had obvious synergies, with the United States having the capacity to satisfy the massive Chinese market.

"The ballast stone of Sino-U.S. ties are an equal and mutually beneficial trade and business relationship. Its essence is win-win cooperation," it said.

But China was not being forced to increase imports as a way to ward off the trade tensions or because the country had submitted to outside pressure, the newspaper said in a commentary.

China will naturally need to import more to satisfy demand from its increasingly affluent consumers, the newspaper wrote.

"Trade wars have no winners," it added in the commentary, published under the pen name "Zhong Sheng", meaning "Voice of China", used to give the paper's view on foreign policy issues.

However, some people in U.S. business groups, who had been pushing for tougher U.S. policies to pressure China to reform market barriers, expressed frustration and disappointment, saying it would be hard for the administration to rebuild momentum to take on Chinese industrial policies.

James Zimmerman, a Beijing-based lawyer and a former chairman of the American Chamber of Commerce in China, said the Trump administration's move to walk back its threatened trade actions was premature, and a "lost opportunity" for American companies, workers and consumers.

"The Chinese are in a state of quiet glee knowing that Trump's trade team backed off on sanctions without getting any real and meaningful concessions out of Beijing," Zimmerman said.

AUSTRALIA exportaciones hacia CHINA no corren peligro

TheCattleSite News Desk 23 May 2018 - The outspoken state-owned Chinese tabloid the "Global Times" has lashed Australia once again, publishing an editorial calling on Chinese officials to cool bilateral relations and reduce imports of Australian goods by billions of dollars.

ABC Online reports that in an editorial published late last night, the paper suggested wiping \$6.45 billion worth of Australian imports — specifically naming beef and wine as areas worth cutting — in order to "make Australia pay for its arrogant attitudes" towards China.

The newspaper said China's recent promise to increase US imports meant "replacing Australia" would be easy, but the Australian Meat Industry Council (AMIC) is not convinced.

"The assertion that's been made by the Global Times is not reflective of how the market operates," AMIC chief executive officer Patrick Hutchinson said.

"There are a number of different countries that are putting product into the [Chinese] market, and the market share is shared quite evenly.

"So another entrant into it is not just going to impact one country."

He said Australia's market share is currently sitting at about 17 per cent, behind Brazil and Uruguay but ahead of Argentina and New Zealand.

Mr Hutchinson said no country is leading by a great margin, and the US trade agreement is unlikely to change that.

"The entry of the US into the Chinese market will play a part not just for us, but for all who are supplying product," he said.

"I think it's a little bit ill-informed to think that just the US coming in would replace Australia on its own, there are many other suppliers."

Warning a reminder of economic leverage

The editorial was published following a meeting yesterday between Foreign Minister Julie Bishop and her Chinese counterpart Wang Yi, on the sidelines of a G20 foreign ministers' meeting in Argentina.

The meeting came during a turbulent period in the bilateral relationship, with Beijing objecting to the Federal Government's planned foreign interference laws, and Canberra frequently criticising China's actions in the South China Sea.

Mr Hutchinson said the editorial was a reminder that commentary on other countries' domestic practices can lead to economic "levers" being pulled.

"While we understand and support as always our Trade Minister and our Foreign Minister, we need to recognise as well that trade is a very important aspect for the Australian economy — and for the agricultural economy for that matter," he said.

"This is where these things can get caught up, and can impact the whole Australian economy.

"There is great opportunity for the red meat industry in China, and we want to be making sure that our Government is taking all steps to make sure that happens."

The Global Times last week said Australia's relationship with China was "among the worst of all Western nations", and in February described Australia as an "anti-China pioneer".



In today's editorial, which is currently the most popular on the paper's Chinese language site, the paper said punishing Australia economically would "be a good lesson for Australia to learn, while also setting a precedent for other nations to follow".

"There are no benefits for any country that chooses to take provocative measures against China," it said.

EMPRESARIAS

Casti Beef: carne uruguaya de élite a domicilio de los consumidores chinos

18/05/2018 - "Buscamos promocionar la carne uruguaya resaltando sus bondades: una carne cien por ciento producida a pasto, sin hormonas ni antibióticos, lo que significa un gran diferencial", aseguró Daniel Castiglioni, director de Casti Beef.

Promoción de Casti Beef en Pekín.

Ahora la carne uruguaya llega a las puertas de los consumidores chinos. Casti Beef es un emprendimiento que impulsó Daniel Castiglioni, broker de carnes uruguayo radicado hace algunos años en China. "Buscamos crear una marca con carne uruguaya de excelente calidad para posicionar el producto en un segmento de alto valor", explicó

Castiglioni detalló a Rurales El País, desde la feria de alimentos SIAL China 2018, que el negocio consiste en ofrecer a los consumidores asiáticos un producto de élite, porcionado y empacado en Uruguay, y posteriormente importado a China. "El usuario entra a su cuenta, compra los productos y al otro día llega a su casa una caja con todos los cortes seleccionados", dijo.

Reiteró que son cortes de alta calidad para consolidar en un mercado de alto valor y con consumidores de alto nivel adquisitivo. Castiglioni lo denominó un "caballito de batalla", porque "cuando se habla de crisis o problema, son sectores que nunca se verán afectados en el comercio".

El negocio comenzó en Pekín, ciudad que supera los 21 millones de habitantes, y busca posicionarse en un público objetivo de 22 a 40 años de alto nivel económico que están acostumbrados al roce del mundo occidental y buscan perfeccionar sus costumbres alimenticias, explicó Castiglioni. También hay demanda de otras ciudades vecinas.

Promoción. El empresario señaló que existe "mucho competencia" para promover el negocio de la carne, sin embargo el concepto es: "Una marca de carne uruguaya manejada por uruguayos que se trae a China. Resaltando sus bondades, una carne cien por ciento producida a pasto, sin hormonas ni antibióticos, lo que significa un gran diferencial". Castiglioni dijo que la carne se porciona y envasa en Uruguay para que no tenga tanta manipulación

Marfrig avanza en el proceso de venta de su subsidiaria Keystone

23/05/18 - por Equipe BeefPoint A Marfrig Global Foods continua a avançar no processo de venda de sua subsidiária americana Keystone. O Valor apurou que a empresa brasileira, uma das maiores do mundo na produção de carne bovina, acaba de selecionar cinco companhias interessadas em participar da etapa final da concorrência, na qual espera obter mais de US\$ 3 bilhões.

Nesta fase final do processo, cada uma das cinco postulantes terá acesso ao "data room" da Keystone, conversará com os principais executivos da americana e visitará suas unidades de produção nos Estados Unidos e na África. Os interessados terão que apresentar uma proposta vinculante até o mês de junho.

O processo de venda da Keystone foi deflagrado em abril passado, no momento em que a Marfrig anunciou a compra da também americana National Beef. Essa aquisição, anunciada por cerca de US\$ 1 bilhão e que ainda depende da aprovação da BNDESPar, que tem participação de 33% da Marfrig, fará da companhia brasileira a segunda maior produtora de carne bovina do mundo, atrás apenas da JBS.

O Valor apurou que, inicialmente, dez empresas demonstraram interesse em adquirir a Keystone, entre as quais as americanas Cargill e Tyson e as chinesas Cofco e Fosun. Segundo fontes de mercado consultadas pela reportagem, a Cargill está entre as cinco companhias que ainda participam da disputa e é a favorita para ficar com a Keystone, fornecedora de carnes para a rede de fast food McDonald's, que absorve 70% de suas vendas e j